

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Lutas e o processo de formação humana.

Luiz Frederico Pinto

**CORUMBÁ
2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Lutas e o processo de formação humana

Monografia apresentada por LUIZ FREDERICO PINTO, ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal, como um dos requisitos para a obtenção do título de Professor de Educação Física.

Orientador:
FABIANO ANTONIO DOS SANTOS

CORUMBÁ
2017

LUIZ FREDERICO PINTO

Lutas e o processo de formação humana

BANCA EXAMINADORA

Prof. Doutor. Fabiano Antônio dos Santos (Orientador) –
UFMS- CPAN

Prof. especialista, Tiago Tristão Artero – IFMS- Corumbá,
MS

Prof. Mestre, Rogério Zaim Melo – UFMS- CPAN

Data de Aprovação
2017

Dedico este trabalho a todos que lutam por um ideal de sociedade mais justa e equitativa, formadora de seres humanos mais "humanos", críticos e contribuintes para a emancipação dos que a margem da sociedade ainda lutam para sobreviver.

AGRADECIMENTOS

Gratidão, palavra essa que expressa todo reconhecimento que o ser humano possa apresentar ao outro ante a um fato histórico e importante em sua jornada terrena, fato que contribui e desenvolve para que os saltos de desenvolvimento ocorram para si, o tornando e revigorando com mais orgulho como “ser humano”.

Agradeço aos professores que nesta jornada ímpar de minha vida contribuíram para que o real desenvolvimento crítico sensível fosse alcançado e assimilado por mim, os desafios foram grandiosos, conflituosos e gloriosos, a certeza que se ratifica é que não se acaba por enquanto, pois enquanto estiver nesta empreitada terrena, o gosto vicioso de obter o conhecimento, me têm como refém. Aos amigos de curso também importantes para que essa história fosse construída, fica aqui meus agradecimentos, a convivência diária constante, fazendo com que os laços de cumplicidade e respeito humanos fossem sendo aprimorados e reforçados constantemente.

O que se leva deste momento ímpar é além dos agradecimentos, também a palavra “desenvolvimento”, e o sentimento puro e sincero que aflora mais pulsante sob as bases dos conhecimentos e saberes adquiridos nesta breve história de formação na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Campus Pantanal).

Mais uma vez agradeço aos professores: Renata Teixeira, Hellen Marquês, Silvia Bruki, Michelli Gigi, Edinéia Aparecida, Isabella Fernanda, Rogério Zaim Melo, Marcos Tiaen, Carlo Golin, César Barbosa Santolin, Guilherme Marins, Ronny Moraes, João Gilberto, Bruno Henrique, Christian Franchesco, Paulo Cestari e Tiago Tristão que somaram nesta minha evolução como ser humano melhor desenvolvido, sendo eles peças importantes nesta história ao qual ainda não se finda, mas sim, continuará posteriormente pois o vício pelo conhecimento como já confessado, me têm como refém até o findar de minhas forças, ante aos desejos de me desenvolver como professor. Obrigado em especial ao meu orientador e professor, peça chave neste sentido ao qual me fez enxergar sob uma nova ótica as percepções de desenvolvimento humano, professor Doutor Fabiano Antônio dos Santos, Muito Obrigado.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo, investigar e debater as contribuições das lutas como prática social e cultural para formação humana, através de análises bibliográficas, documentos, artigos e revistas, no intuito de poder debater, apresentar pontos positivos e negativos das lutas para o desenvolvimento do ser humano. Ao longo da história, as lutas tem se caracterizado como prática social, cultural e corporal importante no próprio desenvolvimento social. Por sua importância, acaba acompanhando as mudanças que a própria sociedade passa, inclusive mudanças em termos tecnológicos e culturais. Neste sentido, temos como objetivos específicos, analisar o papel político, cultural e social ocupado pelas lutas ao longo da história, compreender o papel da mídia na definição das lutas como prática pautada em valores negativos, como violência e individualismo, apontar possibilidades de problematizações do conteúdo de lutas para o planejamento pedagógico das lutas na educação física escolar. Sua contribuição, às lutas, formativa social e cultural é inegável se a tratarmos como prática corporal repleta de sentidos e significados emancipadores, ou seja: não podemos compreendê-la como atividade negativa por sua suposta violência, pois isso também é uma de suas características culturais. O processo de espetacularização pelo qual tem passado as lutas é responsável por sua discriminação como prática corporal formativa. Neste sentido, o professor escolar tem papel importante quando demonstra as potencialidades das lutas como conteúdo curricular emancipador, livre dos preconceitos formados pelo senso comum.

Palavras-chave: Lutas; Mídia; Formação Humana.

SUMÁRIO

1- Introdução	8
2 – Formação Humana	12
2.1 Trabalho e natureza.....	13
2.2 Objetivação do ser social: a contribuição das artes/lutas, da ciência e da filosofia	16
3- Lutas ao longo da história.....	20
4. Os desafios do trabalho com o conteúdo lutas no Contexto Escolar.....	24
4.1 Desafio primeiro: resgate dos aspectos históricos, formativos e críticos das lutas	24
4.2 Segundo desafio: superação da espetacularização das práticas corporais e das lutas no contexto escolar.....	26
4.3 Terceiro desafio: seleção de conteúdos escolares em geral e das lutas em particular.....	30
4.4 Quarto desafio: Relação teoria e prática	32
4.5 Quinto desafio: trabalho com as lutas na perspectiva da pedagogia histórico-crítica	33
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

As lutas constituem-se em uma das práticas corporais mais antigas da humanidade. Elas se confundem com a própria constituição do ser humano. A importância que tal prática assume no cotidiano foi decisiva para minha formação. Desde a infância praticando e convivendo no universo das lutas, hoje em minha fase adulta, após longos anos de competições e cursando licenciatura em educação física, o desejo de alicerçar os pontos positivos/construtivos e os negativos que as lutas me trouxeram, e ainda trazem, (como valores formativos do ser humano) torna-se imperioso. Além disso, considero fundamental que tal prática corporal seja melhor debatida no interior da Universidade, procurando ampliar suas possibilidades de aplicação no contexto escolar, que atualmente é relegado a plano secundário em detrimento aos demais conteúdos.

As lutas, como prática social e cultural, têm uma vasta gama de contribuições no processo de desenvolvimento do ser humano. Além de uma prática esportiva, apresentam potencialidades quando permitem reconhecer os limites e possibilidades do corpo, ao mesmo tempo em que possibilita o reconhecimento da importância do outro numa inter-relação humana.

As lutas, como um ramo da educação física escolar, reúnem um conjunto de conhecimentos e oportunidades que contribuem para o desenvolvimento integral do educando. Se considerado o seu potencial pedagógico, é um instrumento de enorme valor, nas mãos do educador, por sua ação corporal exclusiva, sua natureza histórica, e o rico acervo cultural que traz dos seus povos de origem (GOMES e PINTO, 2014, p.184).

Por esses motivos, os de debater e apresentar possibilidades, esta pesquisa objetiva a apresentação dessa prática corporal como atividade que extrapola a função corporal preparatória para combates (esportivos ou não), apresentando-a como prática capaz de contribuir para a formação humana. Lutas não podem ser tomadas apenas a partir dos grandes espetáculos esportivos, alguns deles até mesmo ultrapassando os próprios limites esportivos. Não se trata de uma atividade em que a violência é o objetivo preponderante, como parte considerável da população percebe, visão

deturpada, pelo grande apelo midiático que determinadas modalidades de lutas ganharam nos últimos tempos.

As lutas podem servir como instrumento de liberdade e criação. Essa proposta de pesquisa quer, além de apresentar as lutas como atividade de formação humana, compreender melhor esse universo, vasto, valoroso e amplo que acompanha o homem desde os primórdios dos tempos.

Ao longo dos tempos, como qualquer outra manifestação da cultura, as lutas desenvolveram inúmeros sentidos e significados para uma humanidade que sempre lutou por seus interesses, fossem individuais e/ou coletivos, no sentido de manter-se ou transformar-se uma determinada realidade da qual são parte interdependente. (GOMES e PINTO, 2014, p.190).

Em acordo com o citado anteriormente, as atividades relacionadas às lutas remontam os primórdios da humanidade, são parte das práticas sociais e culturais humanas muito antes que o esporte. Ao longo dos tempos, as lutas acompanham o desenvolvimento social, cultural e até político do ser humano, basta observarmos a função que ocupavam os embates entre gladiadores romanos, que num momento histórico têm suas histórias registradas durante o império Romano, uma das características marcantes deste império (WRESTLING HISTORY 2017).

Acredito que as lutas consigam exercitar a capacidade do ser humano de se desenvolver melhor, experimentando qualidades tais como: disciplina, determinação, capacidade crítica ante à situações adversas, de tomada de decisões coerentes com o momento, sensibilidade, abstração e autocontrole.

[...] quando Jigoro Kano criou o judô ele definiu objetivos para esta arte, que não se limitavam a questões práticas, mas sim um judô que fosse trabalhado como forma de desenvolver o caráter, a moral, autodomínio, autoconhecimento, respeito mútuo, entre outros [...] (LACROSE e NUNES, 2015, p.1).

Como destacam os autores acima citados, as lutas (aqui exemplificada pelo Judô) tem a potencialidade de desenvolver a subjetividade humana, o que extrapola, como já anunciamos, seu caráter formativo corporal exclusivamente.

Como professor em academia, percebi que os valores aos quais as lutas tratam são importantes na formação das potencialidades do desenvolvimento no ser humano, podendo ser aplicado nas aulas de educação física nas escolas do país.

A questão a ser desmistificada é a concepção, amplamente difundida, de que lutas é sinônimo de violência, que se trata de uma atividade sem regras e que beira a brutalidade. Destacamos que essa concepção é amplamente debatida no campo acadêmico e rechaçada uma vez que luta não pode ser compreendida como sinônimo de “briga”.

Nesse sentido, a prática de lutas na escola deverá proporcionar um tempo/ambiente adequado para transformar as “brigas” em “jogos de luta”, nos quais haverá regras e situações seguras para liberação e transformação de agressividade. Desse modo os jogos de luta permitem uma simulação da violência (“brincar de”), que impede ao aluno ser violento, no sentido de causar agravos físicos ao adversário. Isto quer dizer que nos jogos de luta a derrota nunca será maléfica a ponto de causar danos, pois, conforme Olivier (2000, p.13): “nunca produzem a derrota definitiva ou destruidora; contribuem, desse modo, para sua relativização, assim como relativizam a vitória (SO e BETTI, 2012, p.545).

As lutas são atividades corporais que acompanham o ser humano ao longo de sua história. Entretanto, como toda prática social e cultural, vai sofrendo influências de cada momento histórico. Na escola, sua prática tem sido relegada a um plano secundário, ministrada apenas por professores que possuem alguma experiência com determinada modalidade de lutas. Associada a essa limitação do acesso a este conteúdo escolar, temos o papel que a mídia ocupa ao apresentar o lado espetacularizado das lutas, quase sempre vinculando-a à violência física sem regras sem objetivos e valores.

Diante dessas dificuldades, passamos a nos perguntar sobre as reais influências que as lutas vêm sofrendo na sociedade contemporânea? Que implicações o processo de espetacularização das lutas tem trazido para uma melhor compreensão de suas potencialidades formativas? Que potencialidades formativas são essas, capazes de contribuir para o processo de formação humana?

Diante de tais questionamentos, desenvolvemos nosso objetivo de pesquisa procurando investigar e debater as contribuições das lutas como prática social e cultural para formação humana. Para os objetivos específicos, tivemos a intenção de analisar o papel político, cultural e social ocupado pelas lutas ao longo da história; compreender o papel da mídia na definição das lutas como prática pautada em valores negativos, como violência e individualismo; Apontar possibilidades de problematizações do conteúdo de lutas para o planejamento pedagógico na educação física escolar.

Esta pesquisa parte de uma abordagem qualitativa que, segundo Silveira e Gerhardt (2009).

(...) não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria (SILVEIRA e GERHARDT. 2009. p. 31).

Realizamos, ainda, levantamento de produção em periódicos, livros, teses e dissertações que tratavam as potencialidades das lutas no processo de formação humana. Para tal levantamento, usamos (isoladamente ou correlacionadas) as seguintes palavras-chave: Lutas; Mídia; Formação Humana. Deste levantamento, pudemos identificar que há escassez, pouca variedade de materiais relativos à discussão pertinente, apresentação de possibilidades no que se refere ao tema lutas defendido neste trabalho, tornando a pesquisa ainda mais relevante. Fazendo correlações de textos aos quais não especificamente tratava-se das lutas em si, e seus valores contribuintes para a formação humana, tentamos dialogar apresentando a defesa deste tema ao qual julgamos necessário e pouco trabalhado, em forma de artigos, teses e textos, ao qual oriente para novas perspectivas na educação física escolar.

A primeira seção deste trabalho evidencia as aproximações e contribuições das lutas como prática cultural e social para a formação humana. Para tanto, apresentamos o conceito de formação humana desenvolvido por Luckács (2017), por Duarte (2017) e Saviani (2010), também a comparação de artigos sobre artes, filosofia e política relacionando-os com os aspectos das lutas nesta primeira etapa na qual buscamos apresentar ao leitor uma visão diferenciada das demais já debatidas e publicadas em artigos, revistas e livros sobre as lutas e seus aspectos formadores e contribuintes para os seres humanos.

A segunda seção discute o desenvolvimento das lutas ao longo da história. Aqui, apresentamos como este conteúdo surge, inicialmente voltado para garantia da sobrevivência do ser humano, sua autoafirmação nos grupos sociais, como atividade de caça, voltada para a conquista de territórios. Com o transcorrer histórico, ocorre também a modificação de seus objetivos. Apresentamos estas modificações e implicações para a compreensão desta prática corporal na contemporaneidade e, finalmente, a terceira

seção deste trabalho, que discorre sobre as lutas no contexto escolar debatendo, primordialmente, sua espetacularização, as formas utilizadas pelo professor para a seleção dos conteúdos (inserindo as lutas nesse processo), a relação estabelecida entre teoria e prática a partir da perspectiva da pedagogia histórico-crítica.

Na primeira parte desta última seção, sobre os desafios para que ela ocorra no contexto escolar, expomos ideias na perspectiva de forçar o debate e apresentar algumas possibilidades de trabalhá-la numa perspectiva educativa e formativa. Ainda nesta seção, expomos e debatemos sobre a espetacularização das práticas corporais em específico as lutas, buscando apresentar e debater esse fenômeno que se faz presente fortemente nas mídias contemporâneas, fazer com que o leitor se inteire sobre as perspectivas, debates e críticas diante deste fenômeno que tanto tem prendido a atenção da maioria de nossos jovens e, conseqüentemente, nas escolas também.

2. Formação Humana

O valor da educação se expressa como promoção do homem e, assim, se legitima como um fator preponderante ante a formação humana. Condição esta que caracteriza os seres humanos como tais (humanos), diferenciando-se dos demais animais.

Segundo Saviani e Duarte (2010), a formação humana coincide, nessa acepção, com o processo de promoção humana levado a efeito pela educação. Dessa forma, a filosofia da educação cumpre um papel preliminar de estabelecer a própria identidade de seu objeto, isto é, a educação.

Ainda segundo Saviani e Duarte (2010), a filosofia é a forma mais elaborada do grau mais elevado de compreensão do homem atingido pelo próprio homem. Concordamos que, através de suas heranças culturais, os homens passam aos outros homens ensinamentos que lhe agregarão no seu desenvolvimento subjetivo, tornando-os, ao mesmo tempo, seres individuais e sociais.

Com efeito, se a educação é uma atividade específica dos seres humanos, se ela coincide com o processo de formação humana, isso significa que o educador digno desse nome deverá ser um profundo conhecedor do homem (SAVIANI; DUARTE, 2010, p.423).

Nessa perspectiva, a educação é um dos mais importantes processos de objetivação humana, ou seja, é o momento pelo qual o ser humano materializa ações que contribuem para consolidar sua exteriorização enquanto ser social.

Neste capítulo, apresentamos as relações que a educação apresenta com a categoria trabalho considerada, na perspectiva do materialismo histórico-dialético, fundante do ser social. Apresentamos, ainda, os reflexos filosóficos, artísticos e científicos como formas de exteriorização do ser social em atividades responsáveis pela formação humana. Nessa perspectiva, o capítulo apresenta a base teórica que sustenta a perspectiva deste trabalho em apontar as lutas como prática fundamental no processo de formação humana. A formação humana, assim, não envolve uma dimensão em particular do ser humano. Ela significa, em outros termos, os processos culturais, históricos, científicos e filosóficos que vão possibilitando a constituição do ser social e sua consolidação.

2.1 Trabalho e natureza

Ao mesmo tempo em que falamos do papel da educação no processo de formação humana, é importante refletirmos como o próprio ser humano se constitui como ser social. O salto ontológico mais fundamental para essa constituição é produzido na medida em que o homem vai se apropriando das formas mais adequadas para transformar a natureza em seu próprio benefício e de forma intencional. É por meio do trabalho que isso ocorre.

Segundo Engels, as funções para as quais os antepassados do homem foram adaptando aos poucos suas mãos durante os milhares de anos em que se prolongaram o período de transição do macaco ao homem, podendo ser, a princípio, ditas como, funções básicas, simples.

Os selvagens mais primitivos, inclusive aqueles nos quais se pode presumir o retorno a um estado mais próximo da animalidade, com uma degeneração física simultânea, são muito superiores àqueles seres do período de transição. Antes de a primeira lasca de sílex ter sido transformada em machado pela mão do homem, deve ter sido transcorrido um período de tempo tão largo que, em comparação com ele, o período histórico por nós conhecido torna-se insignificante. Mas já havia sido dado o passo decisivo: a mão era livre e podia agora adquirir cada vez mais destreza e habilidade; e essa maior flexibilidade adquirida transmitia-se por herança e aumentava de geração em geração (ENGELS, 2004).

O homem transforma a natureza a fim de suprir suas necessidades como tal, no qual se diferencia dos demais animais, assim assumindo as características e identidade de ser humano. Características essas que são partes de um processo histórico de desenvolvimento. Os seres humanos adaptam condições de criação ao longo de sua historicidade, condições que o fazem antecipar, em seu plano de pensamento, ações concretas de viabilização de sua vida, algo que Marx denomina de trabalho.

Segundo Marx (1984), numa sociedade capitalista, a viabilização da força de trabalho é o próprio trabalho. Quem compra a força de trabalho a consome, forçando o vendedor ao trabalho alienado (explorado). Portanto, este último se torna aquilo que antes era apenas uma possibilidade, a saber: força de trabalho em ação, trabalhador alienado. Para anexar o vosso trabalho em mercadorias, ele tem de anexá-lo, antes de tudo, em valores de uso, isto é, em produtos que sirvam à satisfação de necessidades de algo.

Entretanto, o trabalho como categoria ontológica não é uma abstração, como o é o trabalho alienado. Ele se constitui como trabalho concreto, trabalho capaz de transformar a natureza e, ao mesmo tempo, transformar o próprio ser humano.

Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 1984, p.327).

Entendendo, assim, que através do trabalho o homem se distanciou dos demais animais, dando a si a identidade própria que vai se tornando humana, com o decorrer de seu desenvolvimento e aprendizado, passando-se de um para outro.

Ainda nos primórdios da humanidade, o homem possuía poucos recursos para garantir sua subsistência. Os homens enfrentavam ameaças de diversas ordens, quase todas impostas pela natureza. E, por essas necessidades, o homem buscou construir artifícios, ferramentas, materiais junto à natureza, transformando-a a fim de conseguir seu desenvolvimento naquele momento, característica essa singular própria do ser humano, diferenciando-o dos demais animais.

Uma vez dominada a natureza, o ser humano começa a desenvolver novas necessidades, muitas das quais criou novas práticas. Conquistar terras e alimentos passa a ser uma das formas eleitas pelos homens que buscavam garantir suas conquistas ou

retirá-las de outras tribos por meio de conflitos. Faz-se, então, a utilização da caça e dos embates pelas alimentações, conquistas de territórios e autoafirmação, ante aos grupos existentes nos contextos de épocas, destacamos que todas essas novas práticas sociais são fruto de uma única e fundante ação, o trabalho concreto.

As necessidades que o fazem produzir instrumentos para a sua satisfação vão gradativamente se distanciando das necessidades biológicas, ficando cada vez mais sociais, mesmo as atividades mais básicas como a alimentação, a atividade física e o relacionamento amoroso (MARCUS, 1974 *apud* LIMA RIZZO, 2011, p.38).

O homem vai se constituindo, nesse sentido, em ser social e distanciando de suas amarras naturais. O distanciamento biológico e a adoção de costumes sociais, culturais, artísticos, filosóficos e científicos são, nesta perspectiva, o salto ontológico que humaniza o ser humano, que o constitui como ser social capaz de criar necessidades para além daquelas que cumprem a função de atender ao estômago.

Por outro lado, mesmo que o trabalho se constitua numa categoria concretamente fundamental para a formação e constituição do ser social, sua forma abstrata, na formação capitalista, adquire características alienantes. No capitalismo, o trabalho, sob a forma de assalariamento, sobrevive com a alienação do trabalhador, com a venda de sua força de trabalho. Se fizermos o exercício de relacionar essa forma de trabalho abstrato com as lutas, será possível percebermos com clareza como ele vai se manifestando. Numa perspectiva de análise histórica e dialética, as lutas materializam a forma abstrata quando o processo de esportivização e espetacularização desta manifestação se torna hegemônico. Assim, o objetivo deixa de ser a fruição das lutas e todos os valores a elas intrínsecos e passa a ser o lucro. As lutas se reduzem a mercadologia e seus praticantes vendem sua força de trabalho e a própria manifestação corporal como em um mercado. Exemplo evidente disso que falamos é observado na prática do MMA que, talvez, seja a forma mais moderna da mercadorização das lutas e da explicitação do trabalho em sua forma alienada e exploradora.

2.2 Objetivação do ser social: a contribuição das artes/lutas, da ciência e da filosofia.

As artes, a ciência e filosofia são atividades reflexos da realidade, ou seja, existem no pensamento como ação refletida do real. Buscam oferecer respostas às questões subjetivas/objetivas que abrangem todo consciente do ser humano, o caracterizando como tal.

Por sua vez, o trabalho educativo, seja com a arte, seja com outros conteúdos, tem a mesma meta, pois, se entendermos a educação como um processo pelo qual os seres humanos formam conscientemente outros seres humanos, esse processo só pode se realizar em sua plenitude se lutar contra o fetichismo na medida em que o fetichismo é a própria negação do ser humano como criador de sua realidade e de si mesmo (DUARTE, 2009, p.470).

A ciência é, por assim dizer, o ato reflexo, não em um sentido mecânico e reprodutivista do real, a tentativa de captar no pensamento as formas de materializar as respostas objetivas dos problemas do real. As ciências buscam, em outros termos, oferecer respostas às demandas humanas por compreender o funcionamento das coisas, suas estruturas, suas relações. A resposta científica aos problemas propostos é, por assim dizer, o próprio processo de objetivação do ser humano, é o momento que materializa algo que é fruto de sua ação em ações exteriores a si mesmo.

A filosofia, como ação humana de propor perguntas sobre a realidade e seu funcionamento, acaba por ser uma das mais importantes ferramentas de objetivação humana. Somente o ser social é capaz de se propor perguntas filosóficas, somente ele é capaz de superar a cotidianidade e propor reflexões aprofundadas sobre o funcionamento das coisas, sobre, até mesmo, a própria existência e constituição.

As artes, por sua vez, cumprem o mesmo efeito catártico: refletem na realidade as estruturas mentais promovidas pelo contato com atividades culturais de maneira geral, incluindo aí as lutas como manifestações da cultura corporal. As artes, assim como as ciências, cumprem importante papel de objetivar o gênero humano, torná-lo possível em todas as suas características.

Não se trata de identificar, sem maiores cuidados, a análise estético-literária à teorização pedagógica, mas de considerar que a dialética entre a subjetividade individual e a obra de arte pode ser uma importante

fonte de informações sobre o tema mais amplo da dialética entre a formação do indivíduo e a objetivação do gênero humano (DUARTE, 2010, p.3).

Sua emancipação e desenvolvimento, atrelados a todo esse universo (artes, ciência, filosofia), faz-se afirmar que as potencialidades geradas pelo acesso à cultura, contribuíram, e contribuem, para a formação crítica plena do ser humano. Essa afirmação se aplica às lutas enquanto manifestação da cultura corporal, que amplia sua ação ao campo da filosofia e ciência, uma vez que pode consolidar o processo formativo autoconsciente do papel histórico do sujeito (consciência para-si).

Aqui se pode estabelecer uma relação com a educação escolar. O trabalho educativo realiza uma mediação entre a espontaneidade da vivência cotidiana do pertencimento do indivíduo ao gênero humano e a elevação da vida individual a uma relação consciente com o processo histórico de objetivação do gênero humano. O trabalho educativo que não se reduza ao nível da inserção do indivíduo na sociabilidade em-si, mas que tenha por objetivo fundamental o desenvolvimento do indivíduo no sentido da sociabilidade para-si, não terá como valores norteadores aqueles determinados pelas relações sociais fetichizadas, mas sim aqueles valores que, surgidos nas contradições da realidade social, apontem para a superação do fetichismo. Se a arte propiciar aos indivíduos uma vivência subjetiva intensificada de conflitos que impulsionem a autoconsciência a níveis cada vez mais elevados, ela desempenhará uma função formadora, isto é, educativa (DUARTE, 2009, p.470).

Considerando as lutas como atividade de formação humana, portanto da autoconsciência para-si, é preciso superar a visão cotidiana que confere a ela uma especificidade instrumental de preparação para o combate exclusivamente. As lutas podem carregar valores construtivos no que se refere à formação humana, na sua capacidade de produzir necessidades que são puramente sociais. Entretanto, também podem utilizar essas mesmas práticas como atividade fetichista, quando não tomada como forma de emancipação e formação.

(...) a subjetividade dos indivíduos se constitui por meio da apropriação das forças sociais existentes, inclusive dos conflitos existentes entre as forças, pois estas impulsionam os conflitos vivenciados subjetivamente pelo indivíduo. Existe nas forças sociais objetivas o conflito entre a tendência à restrição da realidade às singularidades, como também no sentido do universal do gênero humano. As situações singulares das quais o indivíduo faz parte contêm as contradições objetivas e

subjetivas, estas tanto podem conduzi-lo à autoconsciência do gênero humano quanto à absorção da consciência pela superficialidade fetichista da realidade imediata, ou seja, as forças sociais tanto podem contribuir como prejudicar o indivíduo (MAXIMO, 2011, p.15).

As lutas, como fruto da produção humana, constituem ações que visam o atendimento das necessidades formativas culturais. Faz parte do desenvolvimento e historicidade humanos, assim como o trabalho e educação relacionados ao processo de produção e reprodução da cultura pelo conjunto de homens.

Para relacionar-se com os outros seres humanos, inserindo-se em determinada fase do desenvolvimento histórico da humanidade, cada indivíduo singular precisa apropriar-se da riqueza da experiência humana acumulada na cultura, pois as aptidões e funções humanas historicamente formadas não se reproduzem pela hereditariedade, mas precisam ser formadas, isto é, transmitidas de geração em geração. A esse processo de transmissão da cultura produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens- que permite a formação da humanidade em cada indivíduo singular- denomina-se educação (SAVIANI, 2005 apud QUELHAS; REIS; PEREIRA; PINA; LANDIN, 2013, p.48).

O homem necessita relacionar-se com o outro, a fim de poder desenvolver suas capacidades as quais o forma como ser humano, através da cultura, educação, artes e etc...

Como práticas que tentam nos condicionar ao aprimoramento e desenvolvimento e busca pela verdade, trabalhada de forma sistemática e coerente, soma-se aos demais instrumentos construtores ou formadores humanos, daí a importância de apresentação e debate sobre o tema lutas, muito relegado a segundo e terceiros planos por muitos, há muito tempo dentro de nossa educação formal e escolar.

É possível encontrar professores de Artes Marciais considerando-as eficazes para desenvolver as dimensões étero-física, energética e astral, e também como um modo de preparar o homem para o trabalho e para a sociedade. Entretanto, elas podem ir muito além dessa produção de corpos para o mercado, desde que praticadas de forma adequada. Não devem ficar atadas a banalidade do treinamento esportivo a que a personalidade é comumente submetida, quando podem alcançar o indivíduo/ o indivisível (CARDOSO et al, 2006 p.47)

Ao defender os aspectos valorativos sobre a formação humana, a conscientização sobre os pontos contribuintes e a negação das lutas no ensino formal

escolar, deve ser exposto e debatido trazendo aos poucos informações que irão contribuir para a formação do indivíduo mais crítico sensível e consciente ao meio e as relações as quais e ao qual faz parte e integra.

A formação humana coincide, nessa acepção, com o processo de promoção humana levado a efeito pela educação. Dessa forma, a filosofia da educação cumpre um papel preliminar de estabelecer a própria identidade de seu objeto, isto é, a educação (SAVIANI e DUARTE, 2010. p.423).

A educação como forma de perpetuar a própria subjetividade humana esteve a mercê das transformações sociais. Não se pode falar em uma educação “pura”, livre dos determinantes sociais. Assim como não se pode fazer de qualquer prática humana que não tenha sido influenciada pelos determinantes históricos. Logo, tratar as lutas como componente do processo formativo do ser social é tarefa que requer compreender como ocorreu sua apropriação ao longo da história. Este objetivo será tratado a seguir, na próxima seção desta pesquisa.

3. Lutas ao longo da história

As atividades relacionadas às lutas remontam os primórdios da humanidade. Com registros de aproximadamente quinze mil anos atrás encontrados em cavernas na França, são parte das práticas sociais e culturais humanas muito antes que o esporte, uma das manifestações mais difundidas na atualidade e responsável por incorporar grande parte das práticas esportivas contemporânea. No transcorrer dos tempos, as lutas acompanham o desenvolvimento social, cultural e até político do ser humano, bastando vislumbrarmos a memória histórica, em que a função que ocupavam os embates entre gladiadores romanos da antiguidade, funções de degladiações até a morte com o objetivo de entreter a classe política romana e fazer uma interação dentro das Arenas, entre esta classe (política Romana) com a classe dos cidadãos comuns romanos (WRESTLING HISTORY 2017).

Lutas e artes marciais são atividades que se confundem por sua singularidade: atividades de embate. Contudo, vale destacar que lutas são diferentes das artes marciais, sendo as primeiras compostas de regras mais adequadas às competições, enquanto as segundas carregam um longo espectro de entendimento sobre filosofia, artes, política e embates entre homens afim de se sobrepujar a dominância de uma cultura ou mesmo de referência da mesma dando uma identidade própria, podendo, assim, afirmar o amplo espectro das artes marciais.

Importante salientar a diferença das lutas e artes marciais: lutas são disputas em que os oponentes se utilizam de técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão, de uma área de combate, caracterizando-se por uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e deslealdade para o desenvolvimento de ações de ataque e defesa (DELGADO, 2017 p.1)

As lutas vêm acompanhando o homem desde o início de sua história, pois através delas o homem conquistou, desbravou, construiu parte de sua cultura e história, fazendo, assim, um notável instrumento de desenvolvimento do homem.

As necessidades que o fazem produzir instrumentos para a sua satisfação vão gradativamente se distanciando das necessidades biológicas, ficando cada vez mais sociais, mesmo as atividades mais básicas como a alimentação, a atividade física e o relacionamento amoroso (MARCUS, 1974 *apud* RIZZO, 2011, p.38).

Inventando-se assim novos métodos de ganho de poder e emancipação, novas técnicas de caça, maneiras de sobrepujar o outro em detrimento do ganho de território e reconhecimento entre os demais, símbolo de status, importância ante a cultura e sociedades existentes nos contextos de épocas, assim as lutas vão ganhando importância.

Para ensinar o outro homem, foi preciso transmitir tais conhecimentos, produzindo o próprio objeto e mostrando a sua finalidade, já que o outro homem (o aprendiz), no período considerado, não possuía um conjunto de pensamentos (saber histórico) que possibilitasse-lhe fazer a mediação apenas com a gesticulação ou “urros” do que aprendeu. O que o aprendiz possuía era a sua própria experiência empírica, e obviamente, as condições biológicas para realizar a mesma abstração que o outro homem teve. Essa abstração, advinda da realidade e inicialmente produzida por um semelhante, seria a assimilação na mente do outro homem de como se daria o processo de produção do material e qual a sua função (agora social) para contribuir na sobrevivência do homem. (RIZZO, 2011, p.40).

Podemos exemplificar algumas sociedades de época em que as lutas já se faziam presentes como no antigo Egito, Babilônia, Grécia e Roma. Algumas lutas no oriente datando de aproximadamente 2.674 A.C, já no ocidente há registros de 1.500 A.C, datadas também em 668 A.C, tratando-se da 23ª edição dos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Na Grécia antiga, a luta tinha seu grau de destaque e importância nas lendas mitológicas descritas em sua literatura como, por exemplo, a Ilíada de Homero, que narra a Guerra de Troia, nos séculos XII e XIII (WRESTLIN HISTORY, 2017).

Durante a idade média, do século V ao século XV, as lutas eram apreciadas e fomentadas por famílias tradicionais, continuando seu desenvolvimento principalmente no Japão, França e Inglaterra.

Desde os tempos mais remotos, temos registro de lutas a dois. A história de Davi, (fato detalhado na Bíblia Cristã, antigo testamento), que matou Golias com uma pedra atirada por uma funda, é uma das descrições mais detalhadas. Com sua arma simples, Davi foi capaz de subjugar o gigante Golias da tribo dos Filisteus, tido como grande guerreiro invencível até degladiar-se com o jovem Davi, que viria a ser referência heróica do seu povo Judeu de Israel ,na luta contra o domínio ante a tentativa dos Filisteus em domianar e ocupar o território do povo judeu (SAGRADA, 2013, p.432).

As lutas ganham corpo e importância na medida em que provam eficiência na contribuição para o melhor desenvolvimento do ser humano em seus amplos aspectos, na doutrina da disciplina, no treinamento dos soldados guerreiros das sociedades remotas a fim de se fazer valer uma cultura e sociedade sobre outras. E em algumas sociedades orientais, as lutas tornam-se instrumentos de busca pelo equilíbrio, autocontrole, qualidade da saúde física e mental, uma forma diferenciada de se desenvolver, a exemplo do tai chi chu an uma vertente de luta do oriente.

As lutas representam uma das manifestações do movimento humano mais expressivas, trabalhando o corpo e a mente de forma indissociáveis, sempre ligadas a uma filosofia de vida, privilegiando o respeito ao outro e o auto-aperfeiçoamento, tendo a autodefesa como meta. (GOMES e PINTO, 2014, p. 184).

Em sociedades mais contemporâneas, as lutas são utilizadas, também, para a doutrinação dos povos, principalmente para atender aos anseios de caráter disciplinador, autodefesa e embates não mortais, já com aspectos apenas competitivos. Toma-se, assim, outra forma e concepção das lutas em sua generalidade, sempre acompanhando o desenvolvimento da historicidade político e cultural do homem.

Por outro lado, o esporte, considerado como um conjunto de ações que proporcionam saúde e lazer, destaca e incentiva sua prática com instrumentos para se alcançar a qualidade de vida e o bem-estar físico e mental. Embora as origens de ambos os fenômenos (Artes Marciais e Esporte) estejam distanciadas no tempo e no espaço (Oriente e Ocidente), passam a se encontrar, na Era Moderna, com a retomada dos Jogos Olímpicos, e, a partir da década de sessenta, as Artes Marciais (através do Judô) integram este mais alto posto na “vitrine” da cultura mundial esportiva Moderna (CARDOSO et all. 2006 p.42).

As lutas vão se tornando práticas esportivas com grande aceitação entre seus praticantes. Essa associação aos esportes, vai retirando das lutas sua característica originária de formação cultural do corpo. Sua homogeneização vai desencadeando um processo de retomada da perspectiva formativa em-si.

As lutas passam a ocupar um espaço novo dentro da cultura humana, a de competição, substituindo-se as guerras pelas competições, visando um maior entendimento e congraçamento entre os povos mantendo assim uma suposta harmonia benéfica entre os variados povos. Podemos exemplificar aqui com os embates que aconteciam no antigo Coliseu de Roma, onde lutadores (gladiadores) se enfrentavam

até a morte, num espetáculo grotesco em que o único objetivo era a violência mortal para o entretenimento da sociedade romana da época. Em tempos mais atuais regras delimitam os embates, onde a integridade física e humana são fortemente valorizadas, visando “humanizar” as lutas, a exemplo que temos hoje em nossas olimpíadas, alguns tipos de lutas.

Posteriormente, já na sociedade contemporânea, os esportes são criados a fim de atender aos interesses do sistema vigente de sobrepujança e espetacularização das práticas corporais, além da mercantilização destas práticas.

Assim, as lutas passam a ter aspectos esportivos atendendo aos anseios socioculturais do novo sistema que surgia, o capitalista.

Surge, então, os fenômenos midiáticos, tornando os esportes em verdadeiros espetáculos, o que leva, como consequência, as lutas a se tornarem elas também um espetáculo a ser comercializado, basta pensarmos no MMA para termos dimensão desse processo. As lutas, tornam-se peça de um sistema que visa mais o espetáculo obtendo grandes lucros, valorizando mais as cifras, do que o desenvolvimento do próprio homem.

O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo olhar e toda consciência. Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada (DEBORD, 2003, p.14).

O olhar iludido, que por vezes faz-se glamourizar sob as bases dos espetáculos, um aspecto falso de aceitação, por parte de quem o vê e mesmo participa da espetacularização em si, alienando-se totalmente e fechando os olhos aos verdadeiros valores e significados que as lutas carregam de forma positiva. Entender as particularidades descritas brevemente neste capítulo sobre a midiatização e espetacularização das lutas no contexto contemporâneo faz-se necessário, afim de poder apresentar possibilidades de desenvolvimento humano, onde se apropriar das informações pertinentes referentes a todo esse processo de espetacularização, venha a somar-se a capacidade crítica de abstração mínima possível das potencialidades formativas, em que as lutas venham a contribuir com todo o seu contexto histórico ao longo dos tempos.

4. Os desafios do trabalho com o conteúdo lutas no Contexto Escolar

Finalizando este trabalho, apresentamos algumas possibilidades de repensar as lutas no contexto escolar. Antes de mais nada, é fundamental destacar, mais uma vez e especialmente nessa seção, que as lutas são consideradas fundamentais no processo de objetivação do ser humano. Mesmo em seus aspectos mais alienantes, como é sua espetacularização, as lutas quando tratada como reflexo artístico são a expressão do pensamento colocado de forma dinâmica e dialética na realidade.

Nesta seção, buscamos refletir sobre os desafios para se efetivar o ensino das lutas no contexto escolar; os desafios que a espetacularização das lutas oferecem para o trabalho deste conteúdo no contexto escolar; como a literatura apresenta os critérios que o professor deve adotar na seleção dos conteúdos escolares; a relação dialética entre teoria e prática como ações indissociáveis no ensino das lutas e; as lutas numa perspectiva histórico-crítica.

4.1 Desafio primeiro: resgate dos aspectos históricos, formativos e críticos das lutas.

No contexto escolar, o conteúdo de lutas têm sido relegado à segundo plano no desenvolvimento dos conhecimentos da cultura corporal. Essa afirmação é realizada em pesquisas feitas pelos autores (SO e BETTI 2009); (GOMES e PINTO 2014) que pretenderam compreender o trabalho das lutas no contexto escolar.

A partir de tais estudos é possível depreender alguns desafios para efetivar o trabalho com o conteúdo das lutas no contexto escolar.

Ao falarmos de lutas como um conteúdo da educação física, alguns podem pensar que se refere a uma das tendências da disciplina: a educação física militarista, que possui como objetivo a obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta e a guerra (Ghiraldelli, 1997). Esta tendência da educação física teve seu apogeu durante o período nazifascista. A inclusão das lutas na disciplina de educação física não é promover alunos-soldados, nem prepará-los para a guerra. Pretende-se oferecê-las, na escola, com o objetivo de proporcionar

diversidade cultural e amplitude de atividades corporais (GOMES e PINTO, 2014, p.181).

O primeiro desafio é resgatar o caráter histórico, formativo e crítico das lutas na escola. Isso envolve compreendê-la como reflexo artístico capaz de promover o processo de objetivação humana. Quando apenas um elemento é destacado no trabalho com as lutas (por exemplo sua potencialidade para servir de proteção contra adversários) estamos retirando a capacidade formadora das lutas em suas diversas dimensões. Desvincular as lutas da violência considera-se inerente a este conteúdo, é outro desafio que parece estar intimamente ligado ao primeiro. Vista no senso comum como briga, como atividade competitiva e de sobrepujança, é um importante desafio ministrar tal conteúdo considerando suas capacidades formadoras da consciência coletiva.

Além disso, devemos lembrar que as lutas escolares devem ser realizadas sem competitividades. Devemos visar às vivências corporais, e o psicológico do aluno com a não violência, coisa que está crescendo muito nos últimos dias. Tirar essa visão de luta como violência e transformar e divulgar como um esporte do bem (GOMES e PINTO, 2014, p.182).

A escola como parte na formação humana, que agrega uma gama de currículos que fundamentam pilares da formação humana, neste sentido que dizemos que, é dentro das escolas em que as disciplinas que contribuirão para que a plena formação humana ocorra.

Na educação física, disciplina esta que se insere no contexto escolar cabe a responsabilidade formativa dos alunos, no que se refere aos seguintes temas variados, entre eles citamos, os esportes, ginásticas, danças e lutas, temas estes que tem uma historicidade ímpar contribuintes para com a “formação humana”, digamos complexa e passível de entendimento, desde que, os estudos dos alunos nas escolas, sejam direcionados para o desenvolvimento crítico dos mesmos, ao qual concordamos em não serem relegados a segundo e terceiros planos, sob a responsabilidade da educação física. Fica aqui a crítica, onde há de ocorrer maior apropriação por parte da classe docente em melhor assimilar os conteúdos referentes ao tema das lutas, na educação física escolar.

Afirma-se e defende-se aqui, portanto, a escola como um lugar de produção de cultura. Cabe-lhe, então, ao tratar do esporte, produzir outras possibilidades de se apropriar dele é o processo de escolarização

do esporte e, com isso, influenciar a sociedade para conhecer e usufruir de outras possibilidades de se apropriar do esporte. Buscar uma tensão permanente entre o espaço social da escola e o espaço social mais amplo. E isso que caracteriza um movimento propositivo da escola em suas relações com outras práticas culturais da sociedade (GOMES e PINTO, 2014, p.183).

Conforme Gomes e Pinto (2014), o trabalho com as lutas no contexto escolar deve extrapolar os aspectos corporais, ensinando-o, por exemplo, a não violência e o conhecimento de si mesmo. Mesmo na perspectiva mais evidente das lutas, de autodefesa, é possível trabalhar a objetivação do ser social numa consciência para-si. Considerar as lutas como atividade de autoconhecimento, de inter-relação com o corpo individual e coletivo, de não violência, de respeito ao outro, de aumento da autoestima, de cooperação é um interessante caminho para superar alguns dos desafios de tratar as lutas como componente curricular na escola.

As lutas devem servir como instrumento de auxílio pedagógico ao profissional de educação física: o ato de lutar deve ser incluído dentro do contexto histórico-sócio-cultural do homem, já que o ser humano luta, desde a pré-história, pela sua sobrevivência (GOMES e PINTO, 2014, p.185).

Na sequência do texto, apresentamos outros desafios para o trabalho com o conteúdo lutas no contexto escolar. Tratam-se daqueles desafios que consideramos fundamentais de superarmos para que, efetivamente, as lutas deixem de ser um “corpo estranho” no contexto da educação física escolar.

4.2 Segundo desafio: superação da espetacularização das práticas corporais e das lutas no contexto escolar.

O processo de espetacularização é um fenômeno ao qual acompanha o homem em tempos mais contemporâneos, transformando sua realidade em supostas verdades, realidade essa que vêm de encontro aos interesses do sistema ao qual o homem se submete no momento de sua história de desenvolvimento, forçando-o a reproduzir tudo que for necessário para que se atinja uma “meta”, nem sempre consciente, de tudo aquilo que estas fazendo para o alcance da mesma.

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação (DEBORD, 2003, p.13).

As lutas ganham um sentido diferente ao qual fora criado no passado da historicidade humana, sentido esse que o homem forja a fim de atender ao máximo os desejos de satisfação imediatos de si próprio na contemporaneidade, atrelados com o benefício do lucro a qualquer custo, sem ter a mínima noção e capacidade crítica, lembrando aqui aqueles que são usados como uma peça da grande engrenagem de espetacularização das lutas, (os lutadores), de entender a realidade e os porquês da sua conduta, que pela maioria das vezes, é tida como a mais correta, que o próprio (lutador), tende a tomar.

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação e propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida social dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário, o (consumo). A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a presença permanente desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna (DEBORD, 2003, p.15).

A esportivização das lutas é característica notória deste fenômeno contemporâneo, pautado pelo sistema capitalista dominante. A mediação outro desdobramento da espetacularização, contribui para que essa situação pragmática se cristalice dando uma nova identidade as lutas, podemos aqui exemplificar o fenômeno do MMA, (artes marciais mixadas), que se despe de toda filosofia oriental, importante fonte de desenvolvimento das potencialidades valorativas no ser humano.

O resultado de toda essa esportivização/ocidentalização das artes marciais, da falta de sensibilidade dessa sociedade cada vez mais competitiva e da busca incansável por audiência e, consequentemente, por lucro, se cristaliza em uma simples sigla “ianque”: MMA (Mixed Martial Arts) ou Artes Marciais Mistas. O MMA é uma luta esportiva em que técnicas de variadas modalidades de lutas/artes marciais são utilizadas, devidamente esvaziadas de seus significados filosóficos e

históricos originais e com um acréscimo de brutalidade, dotada de sentido econômico (REIS et all. 2013, p.113).

Os fenômenos de espetacularização e midiáticos envolvendo as lutas, apresentado aos alunos trazendo informações sobre esse fenômeno que se faz notório em tempos atuais, demonstra várias possibilidades de fomento e discussão dos valores ao qual o trabalho defende. Informações na mídia a todo momento são colocadas no que se refere ao mundo das lutas, ganhando a atenção de grande parte da sociedade contemporânea, os alunos também carregando informações rasas em sua maioria de senso comum, acabam por reproduzir apenas o que a mídia se propõe a explicitar, a espetacularização desenfreada, fabricando ídolos, personagens com valores de cifras astronômicas, muitas das vezes, contribuintes para a formação humana como para desagregação da própria, sob o olhar deste trabalho.

Desvincular aspectos esportivos, competitivos como únicos dentro do tema lutas nas aulas de educação física, contudo conscientizar os alunos das diferenças comparativas dos aspectos midiáticos positivos e negativos, faz-se, esta proposta, pois as lutas não trazem apenas a competitividade e o desejo sempre de vitória como valores formativos, há de se ressaltar aspectos contribuintes para a formação humana dos alunos, formação contribuinte também nos aspectos, sociais, políticos e culturais. Caberá ao professor lançar estratégias em que possa se abordar tais valores atrelados as lutas que sempre estiveram presentes na formação histórica do ser humano.

A Educação Física que queremos proporcionar como educadores é a da melhor qualidade possível e, para atingir esse objetivo é essencial fazer uso da diversidade, valorizando as mais variadas leituras da realidade. Partindo do pressuposto de que a Educação Física tem como objeto de conhecimento as manifestações integrantes da Cultura Corporal (GOMES e PINTO, 2014, p.187).

O fenômeno que pode ser caracterizado como midiático espetacularizado em tempos atuais no que refere-se as lutas, como já dito anteriormente, tem-se o MMA ou Mixing Martial Arts, traduzido para o português como Artes Marciais Mixadas, modalidade contemporânea que abrange uma vasta gama de estilos de lutas, artes marciais e esportes de combate. Esse fenômeno fica claro e evidente a busca pela espetacularização, show e apresentações, onde a movimentação em torno destes shows de espetáculos das lutas, rendem cifras astronômicas visando lucro máximo em sua maioria, relegando a importância filosófica que as lutas carregam consigo, também o

olhar mais profundo em relação ao lutador como indivíduo contribuinte para a sociedade ao qual está inserido, este exercendo um papel secundário ante aos nomes das organizações promotoras dos espetáculos das lutas desta fase contemporânea. As organizações com peso maior do que a própria importância do lutador, ao qual carrega o nome das organizações em suas “costas”, em grande parte alienando-se e não tendo forças suficientes para a mudança das concepções exploratórias contemporâneas das organizações promotoras dos espetáculos das lutas, se vê atado as condições e contratos das grandes corporações que se utilizam do lutador como material de cunho lucrativo ante aos espetáculos altamente rentáveis de entretenimento contemporâneo, daí a importância em se discutir nas aulas de educação física os novos olhares, no que abarque condições formativas, contribuintes para que este fenômeno seja entendido e utilizado nas variadas formas de desenvolvimento humano, valorativos possíveis na construção do indivíduo mais consciente crítico em sua sociedade.

O MMA é uma luta esportiva em que técnicas de variadas modalidades de lutas/artes marciais são utilizadas, devidamente esvaziadas de seus significados filosóficos históricos originais e com um acréscimo de brutalidade, dotada de sentido econômico (REIS et all. 2013, p.43).

As lutas como conteúdo da educação física, conteúdo estruturante da mesma, não pode ser relegado como já dito, importante reforçar este aspecto, pois para entender os fenômenos midiáticos e espetacularizados em torno das lutas, necessário se faz apresentar toda historicidade das lutas que acompanham o desenvolvimento como um todo do homem, aos alunos oferecer as informações referendadas afim de os próprios através das indagações, buscarem o debate e compreensão das lutas e seus valores e os porquês da supervalorização midiática que se observa em tempos atuais. O professor com papel preponderante de fustigador ao qual deverá implantar as informações na mente dos alunos, fazendo com que os próprios desenvolvam-se de forma crítica, capazes de abstraírem e entenderem os variados valores que as lutas sempre carregaram na sua estrutura histórica, faz-se importante no conjunto de entendimento, desenvolvimento e favorecimento na formação humana, aqui enfatizada sobre os alunos.

Por essas considerações podemos dizer que os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções objetivos da sociedade (SOARES et all. 1992, p.42).

A intencionalidade e objetivo, vão e vêm num sentido dialético, obedecendo as necessidades humanas, as quais o homem tenta suprir de forma coordenada e sistemática o fazendo desenvolver.

4.3 Terceiro desafio: seleção de conteúdos escolares em geral e das lutas em particular

Entendemos que o papel do professor na organização e seleção dos conteúdos escolares seja assumido com responsabilidade, os conteúdos deverão atingir o mínimo de desenvolvimento nas capacidades não somente motoras, mas como também críticas e cognitivas, algumas alternativas como por exemplo: através de uma anamnese feita com os alunos, lançar novas propostas e desafios ao qual estimulem tais capacidades, através de conteúdos que venham soerguer o conhecimento prévio sob bases sólidas, em posteriores conhecimentos melhores desenvolvidos, e também de estratégias elaboradas pelo professor que como pesquisador, terá a responsabilidade honrosa de cumprir com este papel, em benefício do desenvolvimento dos alunos, levando em conta suas subjetividades e condições sócio históricas, explorando as lutas no contexto escolar.

A discussão sobre os conhecimentos que devam fazer parte dos currículos escolares está, portanto, entre as principais tarefas dos educadores e pesquisadores que trabalham nessa perspectiva. Quando Saviani define que se trata da identificação das formas mais desenvolvidas já alcançadas historicamente pelo conhecimento, coloca-se já de partida uma perspectiva que vai em direção oposta à do relativismo epistemológico e cultural que, segundo Duarte (2010) caracteriza as pedagogias hegemônicas na atualidade. Em primeiro lugar, a simples menção a conhecimentos mais desenvolvidos remete ao pressuposto da existência de desenvolvimento, de progresso. As necessárias críticas à concepção capitalista de progresso não deveriam obscurecer a visão dialética e histórica do desenvolvimento do gênero humano (DUARTE et al. 2012, p.3).

O trabalho de pesquisa e intervenção faz-se necessário, visto que os conteúdos referentes as lutas no contexto escolar, ainda são poucos e ainda nem tanto trabalhados como deveria ser. Fazer o uso dos já conhecidos e os aprimorando com novos conteúdos que irão se construir otimizando novas formas de se ensinar e apresentar o tema lutas

nas aulas de educação física, sob uma ótica mais crítica, reflexiva, histórica e social, rompendo com a tradicionalidade esportivista competitiva, assim entendemos ser necessário. Admitindo-se assim, que o desenvolvimento de uma sociedade e conhecimento é o começo importante, mas não suficiente para que se escolha o que se ensinar na escola, o professor pesquisador terá a função de reinventar-se a todo momento.

Qual o critério para se definirem quais conhecimentos são os mais desenvolvidos? A referência para se responder a essa questão não pode ser outra que não a prática social em sua totalidade, ou seja, as máximas possibilidades existentes em termos de liberdade e universalidade da prática social. O conhecimento mais desenvolvido é aquele que permite a objetivação do ser humano de forma cada vez mais universal e livre (DUARTE et all. 2012, p.5).

O professor pesquisador contribuirá para que os conteúdos do tema lutas no contexto escolar, venha a se desenvolver de forma mais crítica e elaborada, atendendo aos anseios para o desenvolvimento e formação humana. Destacamos que, trabalhar as lutas em todas as suas dimensões, pois somente através dessa perspectiva será possível desenvolver o processo de objetivação humana de forma universal e livre. O maior desafio e o maior adversário, jamais será o outro, mas sim o próprio sujeito com suas manias, frustrações, vaidades, egocentricidades e a servidão ao imediatismo, daí o porquê de se lançar novas estratégias que venham a se renovar a todo momento, criando e recriando junto aos alunos todo ideário necessário, entendendo e se aprofundando nos aspectos não somente motores cognitivos, mas também históricos, políticos e sociais, causando assim uma revolução transformadora crítica na consciência dos alunos. Fazendo uma equiparação da arte com as lutas neste trabalho, as mesmas presentes no contexto histórico social de desenvolvimento e formação humana, desde os primórdios da historicidade humana, faz-se necessário também, afim de ratificar, dar sentido e corpo ao nosso discurso.

Ocorre que a imediatez da arte tem resultados e objetivos distintos da imediatez da vida cotidiana. Esta visa resultados práticos, satisfação de necessidades imediatas. Já no caso da imediatez da arte, a prática é suspensa, as necessidades imediatas ficam para outro momento e prevalece a entrega ao “mundo” da obra de arte. Momentaneamente o indivíduo age não para atingir resultados práticos, mas para viver a relação imediata com a obra de arte, uma relação que se dirige ao

conteúdo da obra, mas é dirigida por sua forma, num processo em que o indivíduo está em contato com a aparência, mas esta o conduz a questões essenciais à vida humana (DUARTE et all. 2012, p.14).

“Questões essenciais à vida humana”, esse ponto analisado na citação acima, contribui para a nossa afirmação sobre os valores formativos aos quais defendemos no trabalho, valores que venham a contribuir a longo prazo, realçando os aspectos de desenvolvimento crítico nos alunos, este sendo o maior desafio dos docentes de educação física nas escolas do Brasil.

4.4 Relação Teoria e Prática

Talvez o principal desafio para o tratamento das lutas no contexto escolar seja a compreensão equivocada de que trata-se de uma atividade eminentemente prática, esvaziada em seus determinantes teóricos.

A relação entre teoria e prática seria como duas dimensões da realidade interdependente, simultâneas, recíprocas, autônomas, mas também dependentes uma da outra, caracterizando esta relação como indissolúveis, a (práxis), assumindo o papel de relevância principal ante a formação otimizada do docente. O papel do docente bem formado e trabalhando com a perfeita relação entre teoria e prática contribuirá para a educação completa e entendível pelos alunos, fazendo com que indaguem sempre, sobre a realidade que os cerca, questionando e entendendo mais criticamente o seu meio, ao qual vive e pratica a condição de ser humano. As relações sendo e tendo papéis importantes neste cenário de formação humana, corroboram para a progressão constante ao qual refuta-se o pragmatismo alienado fetichista sem sentido. Betti nos dá mais luz ao contexto explicitado, segundo ele, “A função da teoria é compreender, explicar e, eventualmente, indicar opções para a transformação da prática. O domínio de princípios teóricos comprovados cientificamente permite ao profissional lidar melhor com as questões práticas. A teoria alimenta a prática, e esta realimenta a teoria, num movimento contínuo. É a práxis” (Betti, 1987).

Nessa tendência, teoria e prática são o núcleo articulador da formação do educador. Teoria e prática devem ser trabalhadas simultaneamente numa mesma ação, constituindo-se numa unidade indissolúvel. A teoria

é revigorada e passa a ser formulada a partir das necessidades concretas da realidade educacional. A prática educacional é sempre ponto de partida e ponto de chegada. A nosso ver todos os componentes curriculares devem trabalhar a unidade teoria-prática sob diferentes configurações, para que não se perca a visão de totalidade da prática pedagógica (JOSÉ JEBER, 1995,p.85).

As lutas também carregando tais aspectos, os da prática e teoria, faz-se primordial o entendimento da práxis, pelos docentes, para que se atinja os objetivos propostos no trabalho, pois sem a práxis não teremos como obter o desenvolvimento dos professores, para que influam diretamente no desenvolvimento dos dicentes (alunos). Através da criticidade desenvolvida de forma a indagar, saber o porquê, de estarem as lutas com diferentes significações ante a sociedade contemporânea, será um conteúdo importante a se trabalhar nas aulas de educação física escolar no país,

O entendimento tem que ser profundo e agregador de novos saberes, mais reais, robustos, com os quais formarão toda uma base para que o desenvolvimento humano seja coerente com a sua historicidade e as lutas contribuindo com seus nobres valores para que isto aconteça, assim acreditamos.

4.5 Quinto desafio: trabalho com as lutas na perspectiva da pedagogia histórico-crítica

O termo “Lutas” numa perspectiva da pedagogia histórico crítica, pode ser analisado e colocado de várias formas, o de luta de classes, luta por uma educação pública de maior qualidade no país, luta contra hegemonia entre tantas outras colocações. Colocações que vislumbramos em trabalhos, teses, dissertações, artigos e inúmeras propostas feitas e colocadas em prol da educação com qualidade a que os autores anseiam para que seja oferecida a grande maioria da população. População cujo o status social, ainda se distancia dos objetivos de desenvolvimento, daí o porquê da palavra luta estar relacionada com aspectos que remontam o desenvolvimento humano através do conhecimento.

Assim, o conhecimento, segundo essa teoria epistemológica, resulta do trabalho humano no processo histórico de transformação do mundo e sociedade, através da reflexão sobre esse processo. O conhecimento portanto, como fato histórico e social supõe sempre continuidades,

rupturas, reelaborações, reincorporações, permanências e avanços (GASPARIN, 2007, p. 4).

Também podendo analisar as “Lutas” em si no que se refira as artes marciais, esportes de combate e os fenômenos contemporâneos midiáticos, temos por exemplo, as lutas espetacularizadas como o MMA, Boxe, K-1 entre outros, afim de poder apresentar aos alunos sua historicidade, pontos positivos e negativos, formas de se aprender sobre as mesmas numa ótica mais crítica, sensível e humana. Formas que acarretem o desenvolvimento na formação do indivíduo mais seguro e detentor de saberes, conhecimentos sistematizados sobre os amplos aspectos e sentidos que as lutas trazem consigo.

A partir da definição do grande campo da cultura corporal, as lutas/artes marciais passaram a figurar como importante conteúdo das aulas de Educação Física. O reconhecimento da necessidade de tratamento pedagógico das lutas na escola pode ser comprovado em diversas orientações/propostas curriculares em nível nacional, estadual e municipal e em escritos de diversos autores da área (REIS et all, 2013, p.110).

A perspectiva da pedagogia histórico-crítica em torno das lutas nas escolas do país é de formar um sujeito histórico e não lutadores de certas modalidades. Diante disso, lançar estratégias que reforcem o aprendizado qualitativo dos alunos, aumentando as possibilidades de um desenvolvimento melhor elaborado crítico e formador de um sujeito mais consciente, é a proposta que segundo a pedagogia histórico crítica venha a ser a mais adequada.

Seguindo os pressupostos da Pedagogia histórico-crítica, o primeiro passo é a identificação dos dados da realidade, onde temos uma primeira impressão dos alunos sobre o tema a ser trabalhado. Como atividade desse momento, propomos organizar os alunos em grupos e pedir a eles que façam um cartaz em uma folha de cartolina, a partir de questões previamente elaboradas pelo professor [...] (REIS et all, 2013, p.118).

Para o desenvolvimento do nível de consciência podemos verificar através da catarse, fase em que há uma reinterpretação da realidade, com suporte do conhecimento científico assimilado pelos alunos. Neste sentido, a proposta que se lança para a abordagem das lutas sob a ótica da pedagogia histórico crítica seria trabalhos voltados a

pesquisa e discussões em grupos para a assimilação e o entendimento dos alunos sobre os conteúdos, como por exemplo com o tema MMA.

A idéia é que o aluno tenha se aproximado da percepção de que o MMA é uma luta esportiva que utiliza técnicas de diversas outras lutas. Na atualidade, o MMA, através da marca UFC, é uma das modalidades esportivas mais divulgadas e lucrativas do mundo. Entretanto, à medida que as técnicas das lutas vão sendo apropriadas para seu uso competitivo nos torneios de MMA, vai sendo aprofundado o processo de descaracterização dessas modalidades em relação aos seus princípios e valores originais. O alto grau de violência associado às lutas, dentro e fora dos octógonos, pode ser apontado como um dos resultados desses processos de descaracterização (REIS et al, 2013, p.119).

Diante disso, os alunos recebendo informações dos professores, e os mesmos apresentando formas novas de se encher as lutas como conteúdo escolar nas aulas de educação física, sob a perspectiva de desenvolvimento mais elaborado, sensato e crítico, este o desafio dos docentes, organizando seus alunos em grupos, e discutindo os novos conceitos que surgem com este fenômeno contemporâneo, o MMA, identificar as principais lutas que fazem parte do escopo do MMA, buscar suas origens e valores filosóficos, as que têm, enfatizando e ressaltando tais diferenças entre os tipos de lutas ante a esses valores, discutir os aspectos positivos e negativos que o MMA traz consigo, violência, briga, valores e a luta em si de forma mais abrangente, como instrumento de formação do indivíduo social.

E no final escutar sobre as análises feitas pelos alunos em torno do tema apresentado, debatido e pesquisado, incentivando o raciocínio crítico dos mesmos, contribuindo assim de forma eficaz para que o entendimento das lutas seja um instrumento de aprofundamento e formativo através de seus valores, concretizando assim a formação e desenvolvimento nos alunos com este instrumento, o de conhecimento das lutas. Assim a pedagogia histórico crítica vem contribuir para que o ensino das lutas seja prioridade, não menos importante, contudo consciente e profundo, realçando primeiro a importância do indivíduo, sua história e papel na sociedade que o mesmo ocupa. Desta forma poder contribuir na formação do indivíduo, o fazendo abstrair sobre as informações dadas a ele, dando sentido em seu aprendizado, mais crítico, sensível e robusto, tendo consciência das práticas corporais feitas pelos seres humanos desde os primórdios, práticas que contribuíram e contribuem para o desenvolvimento do ser humano até hoje, enfatizamos aqui neste trabalho a prática das

lutas. Desta forma a pedagogia histórico crítica vem contribuir neste cenário desafiador, rico, porém ainda pouco explorado no sentido de formação humana mais crítica.

CONCLUSÃO

Com o objetivo geral de, investigar e debater as contribuições das lutas como prática social e cultural para formação humana chegamos as seguintes conclusões: Através dos materiais levantados na pesquisa, verificamos que ainda há muito o que se pesquisar e lançar novas propostas, em torno do tema “lutas” na disciplina de Educação Física dentro das escolas do país.

A escassez de materiais voltados para a discussão proposta neste trabalho, fez com que se tornasse o mesmo um prazeroso desafio, instigador, no qual esta necessidade se refez a todo momento da pesquisa, para que se compreende-se e lança-se novas estratégias e propostas de ensino do tema lutas sob a nossa concepção.

Expomos as lutas e sua história ao longo dos tempos, também as possibilidades em se tratar das lutas no contexto escolar de forma a desmistificá-las, atreladas muitas das vezes pelo senso comum ao sinônimo de violência.

A construção e formação de um ser humano mais desenvolvido criticamente, onde as lutas assim como a filosofia, artes e ciências contribuam para a formação benéfica ao homem, é o ponto chave no qual nos propomos defender neste trabalho.

A continuidade deste processo se faz pertinente e extremamente importante, visto que o tema traz inúmeras possibilidades em se trabalhar, para que haja a educação formativa de qualidade dos alunos nas escolas públicas do nosso país.

Estas possibilidades abrem um leque de oportunidades sob a concepção deste trabalho, pois visam o estudo, entendimento e assimilação de todos os inúmeros conteúdos referentes ao tema lutas e as mesmas diretamente ligadas a formação do indivíduo, indivíduo este mais crítico, sensível e politizado ante ao meio social do qual faz parte. Reforçando a importância do tema para a formação humana, enfatizamos a necessidade em se pesquisar mais, visto que o tema por ser relegado a segundo e terceiro planos por negligência, falta de condições e formação específica e como já dito de empenho nas pesquisas, faz-se necessário maior esforço consciente por parte dos docentes, dos responsáveis pelas políticas educacionais do país, atendendo aos anseios de desenvolvimento para que se atinja o mais alto grau dos aspectos dentro das possibilidades na formação humana, aqui defendido sob o pano de fundo do tema “lutas” assim acreditamos.

REFERÊNCIAS

ÁRIES, Marcos Antônio. **A origem das artes marciais: O seu Simbolismo Como Veículo de Iluminação**. Itabuna: Gráfica Colorpress, 1998.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, Mauro. Como impedir o desenvolvimento da educação física enquanto ciência ou a ciencideologia da educação física. In: **Revista Brasileira de Ciências do esporte**. Vol.8- n°s 2 e 3- Janeiro e Maio/87.

BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1997.

BARBOZA DO NASCIMENTO, P, R; DE ALMEIDA, L. **A Tematização das lutas na educação física escolar: restrições e possibilidades**. Movimento Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, setembro/dezembro de 2007

DE PAIVA REIS, A; CARVALHO PEREIRA, C,C; DOCENA PINA, L; ALVES LANDIM, R, A. **Pedagogia Histórico-crítica e Educação Física**. Juiz de fora: editora UFJF, 2013.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: eBooksBrasil.com/Coletivo Periferia, 2003.

DELGADO, Leonardo **Lutas, Conceitos**. Disponível em <http://aquabarra.com.br/educacao_fisica/3_Ano_Unidade_I.pdf >visitado em 27 de maio de 2017.

DUARTE, Newton; DE CÁSSIA ASSUMPÇÃO, Marina; LUIS DERISSO, José BOTURA DE PAULA FERREIRA, Nathalia; CLAUDIA DA SILVA SACCOMANI, Maria. **O MARXISMO E A QUESTÃO DOS CONTEÚDOS ESCOLARES**. Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

DUARTE, Newton. Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras. SAVIANI, Demerval. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. **A formação humana na perspectiva histórico-ontológica**. Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 45 set./dez. 2010.

DUARTE, Newton. **Arte e formação humana em Luckács e Vigotsky**, UNESP, 2017.

DUARTE, Newton. **Arte e educação contra o fetichismo generalizado na sociabilidade contemporânea**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 27, n. 2, 461-479, jul./dez. 2009.

ENGEL GERHARDT, Tatiana; TOLFO SILVEIRA, Denise. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, UFRGS, 2009.

ENGELS, Friederich. **O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem**. Escrito em: 1876, 1ª Edição: Neue Zeit, 1896. Origem da presente transcrição: edição soviética de 1952, de acordo com o manuscrito, em alemão. Traduzido do espanhol. Transcrição de: amavelmente cedida por "O Vermelho" para Marxists Internet Archive, 2004, HTML por José Braz para Marxists Internet Archive, 2000. Revista @rgumentam. Faculdade Sudamérica. Volume 6-2014 p. 181-196.

GASPARIN, João Luis. **Uma didática para a pedagogia histórico crítica**, Editora: Autores associados, 2007.

JOSÉ JEBER, Leonardo. **A relação teoria e prática no ensino e suas implicações na área da educação física escolar.** Universidade federal de Santa Catarina. Florianópolis. SEDIGRAF- Serviços de Editoração e gráfica- Ijuí/RS.

JOSÉ MAXIMO, M. **Arte e formação humana: Contribuições do Marxismo. V Encontro brasileiro de educação e Marxismo; Marxismo, Educação e emancipação humana.** UFSC – Florianópolis – SC – Brasil. 11, 12, 13 E 14 de abril de 2011.

LIMA RIZZO, M, A. **As apropriações e objetivações do conteúdo Judô nas aulas de educação física escolar.** Universidade estadual de Maringá, Programa de pós-graduação em educação: Mestrado área de concentração: Educação, 2011.

LUCIA SOARES, C; ZULKE TAFFAREL, C,N; PINTO VARJAL, M, E, M; CASTELLANI FILHO, L; ORTEGA ESCOBAR, M; BRACHT, V. **Coletivo de autores.** São Paulo. Cortez, 1992.

LUSTOSA LACROSE, F; NEVES NUNES, S. **Artes marciais e desenvolvimento. Uma revisão literária.** EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 19, Nº 202, Marzo de 2015.

MARCIA SILVA, A; REGINA DAMIANI, I, **Práticas Corporais, Construindo outros saberes em Educação Física.** Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2006.

MARX, K. **O Capital, volume I, livro primeiro.** São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ROBERTO SO, M; BETTI, M. **Saber ou fazer? O ensino de lutas na educação física escolar.** UNESP-Bauru, 2009.

TEIXEIRA GOMES, Vitor; GONÇALVES PINTO, Samuel. **O ENSINO DE LUTAS COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.** Revista @rgumentam. Faculdade Sudamérica. Volume 6-2014 p. 181-196, 2014.

WRESTLING HISTORY, 2017. Disponível em
<<http://www.collegesportsscholarships.com/history-wrestling.htm>>).